



Prof. Antranik Manissadjian

Primeiro Professor de Pediatria Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo



A menina de 4 anos vinha com dor abdominal de média intensidade, difusa, sem outras manifestações. A família começava a se preocupar, pois o quadro já se arrastava havia mais de uma semana, sem melhora, e sem nenhum subsídio, quer de exame físico, quer dos exames laboratoriais e de imagem, que acenasse para algum diagnóstico. Consultados, pediatra, cirurgião, gastroenterologista, urologista, já haviam eliminado as hipóteses mais comuns, e causas menos habituais eram aventadas. Serosite? Vasculite anafilactoide? Porfíria? Disritmia com manifestação visceral? Sem contar a perigosa tentação de atribuir os sintomas à esfera emocional.

Ao Prof. Antranik Manissadjian, a quem a família recorreu para solucionar o problema em questão, chamou-lhe a atenção um pequeno detalhe, até então não valorizado, o de que a dor tinha discreta piora quando a criança se sentava. “Isso é compressão de raiz neural”, murmurou o mestre, e ordenou uma tomografia de coluna espinhal, cuja imagem denotava sinais sutis de discite lombar. A criança foi submetida ao debridamento de disco, e a dor nunca mais se fez notar.

O Prof. Antranik, além de copiosa experiência acumulada há décadas, tem o dom do tirocínio clínico que a tecnologia dos tempos atuais tem feito fenecer nos jovens, e o caso citado é um dentre muitas outras situações em que seu profundo grau de

discernimento emergiu para desvendar diagnósticos insondáveis, a aliviar as crianças e a trazer conforto a familiares inquietos.

O nonagenário Prof Antranik Manissadjian, cuja atividade e lucidez seguem inquebrantáveis ao peso dos anos, é um homem realizado, nos planos profissional, acadêmico, familiar, e social, haja vista o respeito que lhe devotam tanto seus pares como a sociedade em geral, e mediante o apoio decisivo da esposa Irene com quem constitui fecunda sucessão de filhos e netos. Essa têmpera de vencedor provavelmente seja inerente a sua origem, que remonta a um povo ao qual a diáspora não foi o bastante para obstar a prosperidade em terras inóspitas, reprimida sob o jugo de impérios e governantes despóticos e, mais recentemente, do stalinismo sanguíneo.

O Império Otomano, durante os séculos XV e XVI, atingiu um apogeu que pôs em alerta a Europa Ocidental após seu avanço até Viena, mas passou a experimentar decadência progressiva durante o século XIX, até que uma revolução interna pôs fim ao sultanato e fez ascender os “Jovens Turcos”, com promessas de retomada do poderio e de territórios perdidos. A Armênia, primeira nação cristã da História, constituía um enclave estranho, mas com certa autonomia em meio aos domínios à sombra da “Sublime Porta”. Eis que os militarizados Jovens Turcos aliaram-se aos Poderes Centrais no estalar da Grande Guerra, mas vergaram-se ao pesado armamentário dos russos, seus inimigos desde sempre. Após derrocada turca na Campanha do Cáucaso, os armênios passaram a ser tomados como traidores, e encetou-se um dos mais sórdidos genocídios que a Humanidade jamais testemunhara. O povo armênio foi expulso de sua terra natal e abatido durante o êxodo. A família do Prof Antranik não passou incólume ao flagelo e sofreu perdas que se somaram ao mais de milhão de vítimas fatais, mas buscou abrigo em Aleppo, na Síria, onde outros compatriotas também se refugiaram.

O Prof. Antranik nasceu em Alepo e, durante a infância, passou pela provação da perda súbita de um irmão, vítima de TCE e, possivelmente, hematoma subdural não identificado dada a paucidade de recursos de então. Esse triste episódio fez bafejar-lhe os primeiros sopros da vocação médica e, mais ainda, do interesse pelas enfermidades infantis.

Com a idade de seis anos rumou com os seus à América, para juntar-se a outros irmãos de sangue em nosso Brasil, destino de tantos povos que aqui labutaram e firmaram raízes para si e seus descendentes. Dedicado aos estudos, superou dificuldades familiares e cursou escolas como Arquidiocesano e Ginásio NS do Carmo, até atingir o Pré-Médico, na FMUSP, exigência para os que buscavam o ingresso na Casa de Arnaldo, onde matriculou-se após sobrepujar as duras provas de admissão e diplomou-se médico em 1949.

Abraçou, conforme já houvera planejado para si, a Pediatria como campo de atuação, e fez dois anos de residência durante a qual, acompanhado tão somente do colega Gilson Quarentei, assistia pacientes no PS, enfermaria, ambulatório, berçário, além de outras clínicas do HC, onde houvesse crianças. Terminado o penoso estágio, foi aprovado em concurso para plantonista do PS.

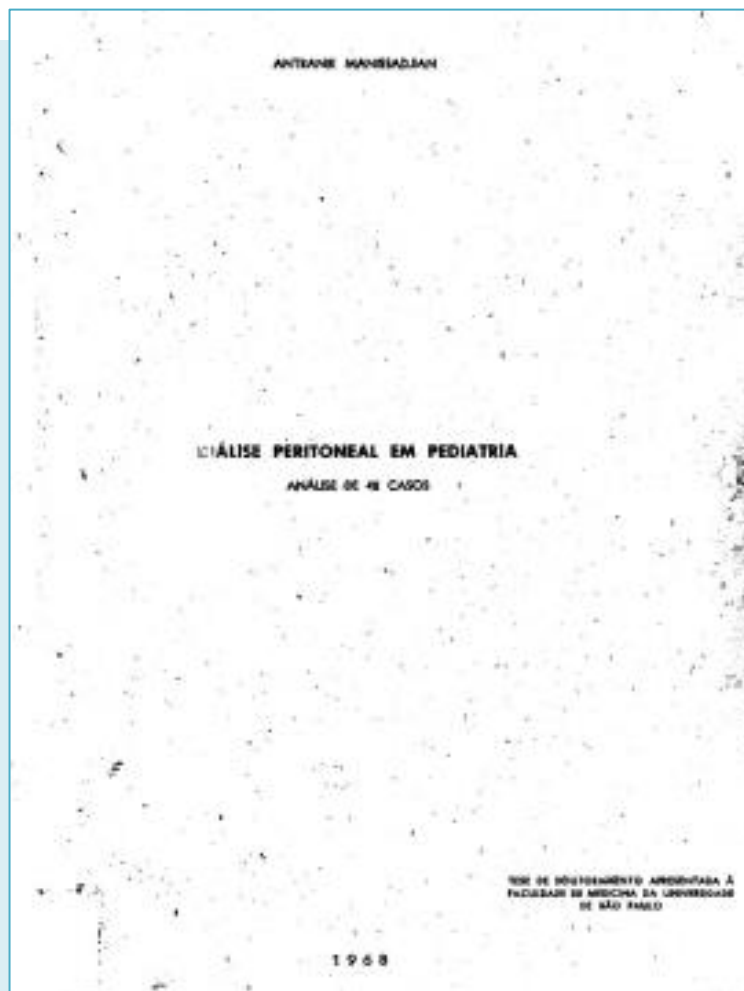
O Prof. Pedro de Alcantara tinha especial interesse na saúde mental, e via a Pediatria como uma filosofia de atuação, segundo a qual o pediatra deveria ser mais que o médico da criança, em sua totalidade, mas primordialmente um promotor de transformação de todo o meio familiar, psico-social, ambiental que a cercam, a fim de que se pudesse prover ao ser em crescimento as condições ideais de saúde, e que o desenvolvimento se desse em sua plenitude. Para diagnósticos e tratamentos de doenças, que não os agravos comuns da infância, contava-se com a ajuda dos especialistas das respectivas áreas da Clínica Médica. Por entender que deveria caber ao pediatra o protagonismo em todos os cuidados diante da criança enferma, o Prof. Antranik vislumbrou, como seu mister, a procura de conhecimentos fora da Clínica Pediátrica, junto àqueles até então encarregados da atuação clínica, a fim de reformular os conceitos vigentes. O Prof. Antônio Branco Lefevre, pioneiro na Neuropediatria, atraiu o Prof. Antranik para esse campo nascente, e sua frequência às visitas e reuniões na Clínica Neurológica tornaram-se assíduas, de sorte a lhe proporcionar estreito relacionamento com outro luminar, o Prof. Oswaldo Lange, a quem tomou como mentor em várias etapas decisivas da carreira.

Por entender que no futuro seria imprescindível que as especialidades fossem exercidas pelos pediatras, buscou a convivência de outro vanguardista, o Prof. José Barros Magaldi, que fez da Nefrologia uma área autônoma de prática médica. A relação profícua resultou na introdução dos métodos de diálise na Clínica Pediátrica, e na contribuição do Dr. Décio de Oliveira Penna, que trouxe para a Pediatria a técnica de biopsias renais percutâneas. Formava-se assim o Grupo de Nefrologia, no qual o Prof. Antranik teve o concurso inestimável da Dra. Hedda Arminante de Oliveira Penna, do Dr. Gabriel Ruiz Jr, do Dr. Yassuhiko Okay e, posteriormente, da Dra. Maria Danisi. Resoluto na missão de formar pediatras especialistas, apoiou a Dra. Dorina Barbieri para que se iniciasse na Gastreenterologia, e a Dra. Nuvarte Setian a que constituísse o Grupo de Endocrinologia.

Durante a década de 50, o Prof. Pedro de Alcantara detectou no Prof. Antranik a liderança e empreendedorismo que o conduziram à Chefia de Clínica.

Durante a década de 50, o Prof. Pedro de Alcantara detectou no Prof. Antranik a liderança e empreendedorismo que o conduziram à Chefia de Clínica. Investido do cargo, e sempre instigado a procurar incremento para o engrandecimento da Pediatria do HC, o Prof. Antranik realizou visitas aos diversos serviços pediátricos universitários, em Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e, no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, colheu preciosos subsídios no berçário sob o insigne Prof. Luiz Torres Barbosa. Em seguida conseguiu bolsa para conhecer universidades americanas, e visitou Johns Hopkins, Harvard, Yale, Columbia, e Cornell onde permaneceu por um mês junto a Samuel Levine, com quem tomou ciência de progressos a serem implantados no Serviço de Neonatologia do HC.

Já com a Cátedra de Pediatria sob o comando do Prof. Eduardo Marcondes, foi instado a fazer o Doutorado. Embora até então despreocupado em trilhar carreira universitária, assumiu o compromisso, utilizou-se das biopsias renais como objeto de estudo das alterações renais na Púrpura de Henoch-Schönlein, concluiu o Doutorado e não tardou em fazer com brilho seu concurso para Prof. Livre-Docente, através de pesquisa acerca das diálises peritoneais na infância.



Teses defendidas pelo Prof. Antranik Manissadjian em 1968

A reforma universitária extinguiu o sistema de cátedras, que se transformaram em departamentos. O agora Departamento de Pediatria da FMUSP, em face do seu número de docentes, seria apêndice do Departamento de Clínica Médica. Desde a fundação do HC o Departamento de Pediatria ocupou a Ala Norte do 5º andar, que albergava enfermarias, berçário de externos, e um pequeno laboratório de Gastroenterologia. Os leitos do andar eram divididos entre o Grupo Geral, chefiado pelo Prof. Gabriel Oselka, e o Grupo de Nefrologia. Os ambulatórios ocupavam o saguão central do mesmo andar e o PS era parte do 4º andar. Dentre os casos de emergência pontificavam as gastroenterites que resultavam em desidratações graves. A necessidade de expansão para absorver a demanda de crianças doentes fez com que o Prof. Antranik conseguisse a cessão de um espaço, no edifício da Secretaria da Saúde, que se transformaria em um posto de hidratação, logo apelidado de Postão.

Na esquina da Av. Eneas C. Aguiar e R. Teodoro Sampaio havia uma construção estagnada, que serviria de sanatório para tuberculosos, cujo projeto houvera sido abandonado. O prédio inacabado foi oferecido ao Departamento de Neurologia, para lá instalar o Instituto do Cérebro.

Diante do desinteresse, o Departamento de Pediatria assumiu a área, deu cabo a uma etapa inicial da construção, e transferiu para lá todo o PS junto com unidade de internação. Formou-se aí o embrião do que hoje é o Instituto da Criança.

Ao Departamento de Pediatria, em 1977, foi outorgada uma segunda vaga de Prof. Titular que coube ao Prof Antranik após concurso em que se desincumbiu com notável mérito. Coincidentemente, o Departamento de Pediatria acabava de se mudar para o já concluído Instituto da Criança que, sob seu comando, teve agregadas as mudanças que ele vislumbrava como inarredáveis para um novo projeto de assistência global aos pequenos pacientes. Firmaram-se as especialidades pediátricas já existentes, notadamente a Nefrologia à qual retornou o Prof. Yassuhiko Okay que por um interregno dedicava-se à investigação básica, a Gastroenterologia, que já tinha seus alicerces firmados, e áreas que apenas engatinhavam deram origem às demais especialidades, que contaram com o irrestrito apoio do Professor para que se desenvolvessem com o esmero que levou o Instituto da Criança à liderança nacional no que concerne ao ensino, pesquisa e assistência em Pediatria.



Prof. Edurado Marcondes e Prof. Antranik Manissadjian, os dois primeiros titulares do Departamento de Pediatria da FMUSP, fundado em 1978.

O Prof. Antranik sempre se caracterizou por suas convicções firmes, das quais nunca fez segredo, e de sua intolerância para com a tibieza e insubordinação. Sob seu sobrelenho cerrado e grave desvelava-se o líder nato, justo, sempre imbuído de dar reconhecimento e apoio aos que se mostravam merecedores, sem regatear sua generosidade em abrir horizontes para, aos desejosos e decididos, propiciar crescimento dentro da instituição. Quando o Hospital Universitário mostrava-se indolente em sua implantação, foi o Prof. Antranik quem se prontificou em complementá-lo, fazendo com que a Pediatria fosse a mola propulsora a desencadear o estabelecimento dos demais serviços.

A par de sua fértil atuação como professor universitário, o Prof. Antranik ameahou volumosa e sofisticada clientela em sua clínica privada. Temido e ao mesmo tempo venerado pelas mães, tem sido sempre um aliado das crianças, às quais exige total comprometimento dos familiares, daí que abomina toda e qualquer negligência que entenda ser nociva aos pequenos sob sua guarida.

Aposentado há mais de vinte anos, o Prof. Antranik nunca parou de trabalhar.

Em seu consultório segue acompanhando não só crianças, como sói acontecer, mas também adultos entrados em anos, que foram seus pacientes mas não prescindem de seus cuidados nem de suas orientações, investido da *physique du rôle* de verdadeiro médico familiar.

Não bastasse o exercício de sua firme liderança no Inst da Criança, foi diretor clínico do HC, orientador de inúmeros candidatos a Mestrado e Doutorado, criou a Fundação Criança pela qual assomaram recursos que viabilizaram o Instituto do Cancer Infantil (ITACI), editou por anos *Pediatria Básica*, Bíblia de alunos e pediatras, empresta ainda hoje sua respeitabilidade a múltiplas instituições, de caráter religioso ou assistencial. No Hospital Sírio-Libanês, cuja *Pediatria* impacta-se de seu comando e experiência inestimáveis, é membro da Comissão Médica. É vice-presidente da AACD. Detem a Comenda de São Gregório o Iluminador, concedida pelo líder máximo da Igreja Apostólica Armênia.



Homenagem do ICr ao Professor Antranik Manissadjian , 13/08/2014

Quiçá nos dias de hoje, após tanto conforto e alívio propiciados a inúmeras crianças que tiveram o privilégio de se beneficiar de sua *sagesse*, tenha-se arrefecido o luto do pequeno Antranik, impotente perante o irmão menor tragicamente desaparecido quando, em passado longínquo, na sua agora tão dizimada Aleppo, a compaixão pela dor do próximo fez soar o chamamento aos que abraçam a mais nobre das profissões.